

# A bombacha vira traje oficial

Por NILSON MARIANO  
Repórter/211

Imaginem um gaúcho de folgadas bombachas e a prenda de vestido rodado num baile de gala, misturados a impecáveis casais de smoking e paetês... Ou o gaúcho e a prenda numa solenidade oficial, em que o governador do Estado está recebendo um ministro estrangeiro no salão nobre do Palácio Piratini... Pois isto é possível desde o dia 11, quando o Diário Oficial do Estado publicou a Lei 8.813, de autoria do deputado estadual Joaquim Moncks (PMDB), que torna a "pilcha gaúcha" o traje "de honra e uso preferencial, para ambos os sexos". Com a Lei 8.813, quem usar a indumentária

gaúcha não poderá ser barrado ou em qualquer tipo de recinto. O mundo não deixa dúvidas a esse respeito: "A pilcha gaúcha poderá substituir o tradicional e convencional em todos os atos públicos ou privados, realizados no Rio Grande do Sul". É considerado como "aquele traje que representa a autenticidade e elegância, a tradição e a nossa indumentária histórica". Os ditames do Movimento Gaúcho (MTG) são: "a camisa, sem botões e gola largas, fechada à frente, com bolsos e medetas. O copo alto, a pala ou o chapéu. Para as mulheres, o vestido de prenda — peça única, com a barra na altura do peito. É considerado o traje mais adequado para o gaúcho".

(seriam mais de 3 milhões no Sul do País) de simpatizantes e filiais dos 1.200 Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), ligados ao MTG. O presidente do MTG, pecuarista Zeno Dias Chaves, disse que a Lei 8.813 é uma vitória sobre a discriminação praticada contra os trajes gaúchos. Há muitos casos de gaúchos que foram barrados à porta de hotéis, clubes e restaurantes. Zeno Chaves lembrou que um fazendeiro, no ano passado, não pôde entrar no restaurante de um sofisticado hotel de Porto Alegre, porque estava de bota e bombacha.

## Preocupação cultural

O autor da Lei 8.813, Joaquim Moncks,

disse que sempre teve preocupações culturais com o movimento tradicionalista. Em 1969, quando era segundo-tenente e comandante da Brigada Militar num município da Região Sul, Moncks filiou-se ao MTG. No ano seguinte, foi secretário e coordenador interino da 21ª Região Tradicionalista, que congrega os municípios de Canguçu, Piratini, Erval, Arroio Grande, Pinheiro Machado e Pedro Osório. Posteriormente, o deputado afastou-se do MTG e dedicou-se mais à pesquisa histórica. Achou que o MTG estava se tornando conservador, sem finalidades culturais, políticas e sociais.

Em 1987, porém, o deputado retornou ao MTG, a convite de Zeno Dias Chaves, como

conselheiro cultural. Em outubro do ano passado, decidiu apresentar o projeto de lei que oficializou a pilcha gaúcha. Moncks disse que o 3º Congresso Internacional da Tradição Gaúcha, realizado em maio de 1988, em Ijuí, deliberou que a pilcha era o "traje de honra e preferencial dos gaúchos". Como já acontece na Argentina.

Na justificativa do seu projeto, Moncks assinalou que o Brasil não possui uma indumentária própria, devido à multiplicidade de raças, hábitos e tradições. Lembrou que Martha Rocha perdeu o concurso de Miss Universo vestida à baiana, enquanto Yeda Maria Vargas o venceu pilchada de gaúcha. Para o deputado, cada Estado deveria consolidar a sua vestimenta típica. Seria um reconhecimento à sua gente.



## Origens, do chiripá ao vestido de prenda

Desde que apareceu nos campos da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XVIII, como resultado da miscigenação entre índios, portugueses e espanhóis, o gaúcho adotou várias roupas. O chefe da biblioteca do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), Luiz Celso Gomes Hyarup, disse que esses trajes eram funcionais e refletiam as condições de vida da época.

De 1750 a 1820, aproximadamente, o gaúcho caçador de gado xucro usava chiripá de origem indígena (um pala enrolado nas pernas, da cintura aos joelhos, meio aberto à frente, para facilitar a equitação), botas de garrão (sacadas do couro das patas traseiras dos animais, sem a ponta e o calcanhar), um cintarão (com as armas da época: boleadeiras, faca flamenga ou adaga) e bichará (poncho retangular, confeccionado de lã bruta). O chapéu era de pala ou feltro.

Da Revolução Farroupilha até a Guerra do Paraguai, no século XIX, o chiripá mudou um pouco de forma. Mais parecia uma grande fralda,

passada por entre as extremidades das pernas. Essas longas peças de pano eram enroladas pelo cano das botas pretas e guaiacatões, era de malha ou de algodão. Sobre ela, um colete ou jaqueta por grandes botões. O chapéu era de pala ou poncho computado da época.

## Atual

A partir da Guerra do Paraguai, a bombacha passou a substituir o chiripá até hoje. Luiz Celso é um pesquisador de etnógrafo, desenhista de roupas e não sabe, com certeza, com quem surgiu a bombacha. Ele, defendida principalmente por Manoel de Ornelas, a bombacha tem origem em berbere e foi trazida pelos espanhóis para o Rio Grande do Sul no século passado.

Outros afirmam que a bombacha seria cópia ou sobre de guerra dos uniformes usados pelas forças coloniais inglesas e francesas no conflito da Criméia. Posteriormente, por volta de 1860, foi introduzida na Região do Prata pelos comerciantes britânicos.

As bombachas inicialmente foram usadas apenas pelos pobres. Os estancieiros, na época, preferiam as calças estreitas ou o culote militar. Até o início deste século, era indecente dançar de bombachas em alguns bailes. Mas elas vieram para ficar. Principalmente depois do surgimento da moda nativista, há menos de dez anos.

Luiz Hyarup disse que a mulher gaúcha nunca teve um traje típico, pois sempre acompanhou a evolução da moda. O pesquisador do IGTF lembrou que o famoso vestido de prenda foi criado em 1949, quando o CTG 35 (fundado um ano antes por Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva, Paixão Cortes e outros), ao se apresentar num congresso nacional de folclore, em Porto Alegre, precisou vestir as suas prendas para a inverno artística. Então, surgiu um vestido de peça única, sem decote, com a barra na altura do peito do pé, inspirado no modelo sevilhano, muito usado pelas gaúchas da Argentina e Uruguai.

Nas ruas de Porto Alegre, a decisão de tornar a indumentária gaúcha o traje oficial do Estado dividiu as opiniões. Uns saudaram a Lei 8.813 como merecido reconhecimento ao povo gaúcho. Outros, no entanto, observaram que talvez a bombacha e o vestido de prenda não sejam convenientes em determinadas situações.



"Acho uma boa, porque cada um tem o direito de andar como gosta, em qualquer ambiente. Eu não iria. Não é por que eu não gosto. Para mim, não faz o meu tipo. Gosto até de dançar as músicas gaúchas, mas não iria vestida de prenda".

Ana Paula Nascente, 19 anos, auxiliar administrativa.



"Não sabia disso. Acho genial. Quando eu era criança, ia na escola com vestido de prenda. Agora, iria a um baile de prenda, porque nós, do Rio Grande do Sul, temos que prestigiar a nossa roupa".

Nair Otília Ramos, 42 anos, dona de casa.

## Enquete revela que população está dividida



"Eu não usaria bombacha, porque é motivo de deboche para os outros. A gente, quando sai na rua, vê que os outros valem quem passa de bombacha e chinelão. Quem gosta de usar, deve usar. É bom para quem gosta. Quando eu morei lá fora, vesti bombacha. Mas não uso mais".

José Ferreira, 52 anos, aposentado.



"É a mesma coisa que um seringueiro, um homem típico da Amazônia, quer entrar numa festa de gala com a sua roupa. Não tem cabimento. O traje do gaúcho é válido lá nos CTGs, entre a turma dos gaúchos. Eu nunca vestiria, nem em casa".

Ruberto Braum, 25 anos, comerciante.



"Eu não sei. Não acho nada. Não vou a baile mesmo. Mas acho bonito. E acho uma ignorância os que ficam



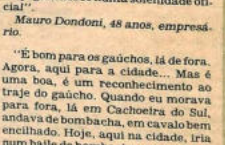
rindo dos outros. Eles acham que é coisa de grosso, mas não tem nada a ver. Acho triste".

Cleci Rorato, 17 anos, estudante.



"Não acho uma má idéia. Pensem bem, antigamente essa era a roupa mais usada. Eu já fui em festas de bola e bombacha e nunca fui criticado. Eu faço parte do CTG 'Chimarrão Amigo', lá da Juca Batista, em Ipanema".

Claudio Roberto Schirmer Braga, 18 anos, estudante.



"Eu acho essa medida meio insensata. Fora as convenções, é típica. É uma medida radical, que foge das condições normais. Cada momento e lugar tem o seu traje específico. É como ir de shorts numa formatura. Afinal, para que estamos os CTGs da vida? Eu, em hipótese alguma, iria de traje gaúcho numa solenidade oficial".

Mauro Dondoni, 48 anos, empresário.

"É bom para os gaúchos, lá de fora. Agora, aqui para a cidade... Mas é uma boa, é um reconhecimento ao traje do gaúcho. Quando eu morava para fora, lá em Cachoeira do Sul, andava de bombacha, em cavalo bem enclilhado. Hoje, aqui na cidade, iria num baile de bombacha, mas não fosse preciso".

Adelino Carvalho, 68 anos, pedreiro.